



Que serão as tuas férias, filiada da Mocidade?

Gostaria que me dissesses...

Se só pensas em encher as tuas malas de vestidos novos para te pôres em competição com outras raparigas que só em trapos pensam também, estás em erro: as férias não são uma passagem de modêlos!

Se só sonhas com a vida artificial dos casinos e mais lugares de divertimentos, enganas-te também: não podes gabar-te de ter férias, tu que não chegarás a ter descanso! Se o que te seduz na ideia das férias é a esperança de flirts sentimentais ou divertidos, numa liberdade que premeditadamente queres usar mal, toma cuidado! Não vás trazer das tuas férias, em vez de alegria, remorsos, em vez duma alma renovada um coração envelhecido.

Se partes só com a intenção de não fazeres nada, de te deixares viver a dormir e a preguiçar — não sei bem se a isto se poderá chamar viver! — também te não felicitarei pelas tuas férias!

Vida ao ar livre — nunca é demais repeti-lo.

Vida tranquila, que tonifique os ner-

Vida variada e alegre, em que se saboreie o gôsto de tôdas as coisas boas da vida: a liberdade, a natureza, as amizades, a presença de Deus...

Leva contigo éste desejo: buscar a Deus I

Para isso, não é preciso ires passar as tuas férias a um convento.

Queres que te diga onde O podes encontrar?

Deus criou o céu e a terra, em tôdas as suas obras O podes ver.

Foi Éle que criou a luz. Já reparaste como é linda a luz? Dando-nos a luz, o Senhor deu-se-nos a Si mesmo; Éle que é a Luz incriada!

E o Senhor, que criou o dia, criou também a noite. Quando contemplas o céu cravejado de estrêlas não sentes acrescida a tua jé pensando que tôdas essas «luminarias» foi Deus quem as acendeu? E as serras e as colinas, as planicies e os vales, são também obra Sua; foram as Suas mãos que os moldaram. Não te sentes mais perto de Deus no alto duma montanha? Não te apetece ajoelhar?

E junto do mar, não sentes que o Espirito de Deus paira ainda sobre essa imensidade azul que so Éle, o Infinito, poderia ter criado?

E quando os teus pés pisam as ervas dos caminhos ou as tuas mãos colhem flores nos valados, não sentes que Deus passou por ali primeiro, a dar vida, perfume e cor aos campos?

E quando aos teus ouvidos chega o canto das aves, ou nos teus braços apertas o teu cão favorito — que é quasi um amigo — ao gosares o prazer que êsses sêres vivos te dão, não te sentes reconhecida Aquele que para ti crion tôdas as coisas?

Não me digas que não vês a Deus!

Se O não vês, é porque és céguinha...

Coccinelle



EM LOUVOR DO SILÊNCIO

A QUI há uns bons dez anos, Duhamel, o escritor que tantas de nós conhecem, tão sugestivo e tão humano, propunha que se criasse em França, o Parque Nacional do Silêncio.

A coisa tem o seu quê de original e de filantropo — mas vale como um protesto contra a invasão crescente do barulho na nossa vida de cada dia — o infernal ruído que nos esmaga e nos surpreende por tôda a parte.

«Seria bem delimitado, este grande Parque— é Duhamel quem fala—muros à roda e os caminhos que là levassem sempre bem vigiados...»

«Numa região silenciosa — não, evidentemente, de um silêncio ridiculo... inteligentemente silenciosa, protegida...»

«Nada de caminho de ferro, a não ser muito longe... Automóveis, só durante meia hora por dia e conduzidos com tôda a doçura... Passeios nas estradas, olhando ou sonhando em segurança total...»

«Nem um avião. Nem uma sereia de jábrica ou ruido de máquina. Proibida tôda a música mecânica. Apenas silêncio. Um silêncio humano, são, rico, vigiado como um objecto de grande estimação.»

Depois de outras considerações, a terminar:

«Brochuras bem redigidas, cheias de gráficos e de estatisticas, explicariam aos neófitos do silêncio as vantagens, virtudes e os resultados do silêncio: a sua técnica, as suas doenças e como se devem tratar. Tóda a gente conheceria, devido a esta publicidade engenhosa, que aos clientes regulares do Parque do Silêncio lhes



Deserto... Solidão... Silêncio... Pez

Foto: Miguel F. Martin

estão reservadas carreiras brithantes, o sucesso, o triunfo—e que a meditação não silenciosa ajasta necessáriamente do mundo.»

Talvez me preguntem para que serve tôda esta longa transcrição...

É que gostaria que cada uma das filiadas da M. P. F. tivesse a coragem de se procurar neste verão que aí vem o **seu** parque do silêncio...

Bem para o corpo e bem para a alma. Está-se sofrendo cada vez mais da falta de silêncio. Andam os nervos desiquilibrados, o espírito em desordem e a vida sem norte.

Hå como que a tontura, a loucura do barulho...

Barulho fora de nós. Barulho dentro de nós mesmos...

Barrés escreveu algures:

«Há minutos nas nossas vidas afadigadas e dispersas em que quereriamos como que restabelecer-nos, recolher-nos no nosso interior, regressar à nascente e de lá ver melhor, mais calmamente, para onde vamos, onde devemos ir, e rectificar os nossos caminhos.»

Tal-qual. Apesar de tudo, trazemos cá dentro grandes necessidades de ver ciaro e de nos ouvirmos sem mentira...

O silêncio é mestre.

Do nosso Frei Heitor Pinto é êste conselho avisado:

«O mesmo rei Davide que comparava o justo à drvore frutuosa, e desejava de aproveitar a todos, e unir-se por amor com todos, vendo-se rodeado com negócios na cidade, suspirava pelo deserto e repouso solitário e, depois de confessar que

Deserto... Solidão... Silêncio... Ideal



estava perturbado seu coração e acossado de públicas inquietações dizia: Quis dabit mihi pennas sicut columbæ, et volabo et requiescam?, como se dissera: ah! quem me dará asas da ligeira pomba para voar ao deserto, e ver-me separado do mundo, e descansar sequer um pouco na vida solitária? E, quando por obra o não podia fazer, lá ia com a vontade, lá se achava só com o pensamento: Ecce elongavi fugiens, et mansi in solitudine: eis-me aqui que me alonguei, e fugi do mundo e de mim mesmo, e quando olhei por mim, achei-me com o pensamento numa solidão acceptu a minhas contemplações».

Deserto... Solidão... Silêncio...

Que estas férias de 1943 tenham qualquer coisa, muito mesmo, de deserto e de solidão — mas sobretudo de muito silêncio.

Vêde como Deus é silêncioso... E a Eternidade tão silenciosa...

> Mestre Silencio ensinou sempre tantas e tão boas coisas ao homem que o procura e o estima e o consulta...

> Fazei silêncio à vossa volta e dentro de vós, no meio do borborinho que encontrareis por toda a parte.

Recomendo-vos especialmente que no meio de tôdas as solicitações para a leviandade e dissipação vos recolheis mais que não seja senão um minuto, um instante.

Faz tanto bem um momento de silêncio no meio da algazarra!...

Dá tanta calma ao coração um bom momento de cela silenciosa!...

Amai o silêncio. Fazei-o amar em tôda a parte e por tôda a gente.

Sêde semeadoras de silêncio e de recolhimento.

Fugi para a solidão das montanhas e das florestas e ai falai com Deus e vêde-vos dentro da vossa alma...

Louvor a ti, 6 silêncio!



Férias... Férias grandes I

Depois de quast dez meses de trabalho, de tantas dezenas de semanas de estudo, de tantas, tantas dezenas de horas, passadas entre quatro paredes, a contas com a Mate-mática, com o Latim, com as Clências, a ideia das férias surge como uma libertação.

Nem horários rigidos, nem tarefas à sobreposse, nem a agitação febril dos dias que gastam como meses, nem o cuidado das provas que climinam, nem a sóbre-saturação das inteligências, nem o cansaço de quem deu o seu máximo mas a liberdade plena e sem pelas, num ambiente de des-canso, de despreocupação, de alegria I

Férias... Férias grandes ! Não o curto intervalo entre dols periodos mas um grande... ponto parágrafo.

E surgem as idelas, os projectos, os sonhos mals ou menos cór-de-rosa... Partir!... Partir para fóra da cidade, para longe do nosso quadro habitual, cortar com a vida monôtona do tempo de aulas, conhecer caras novas, criar porventura amizades novas também !

Férias I... Andam no ar muitos anselos, muitas aspira-

«Se eu pudesse ir para foral... para o campo, para a praial» E estragam-se as férias, com o travo amargo dos desejos vāos ...

«Quando eu for para fora!...» dizem outrae, numa grande ânsia de partir, bebendo de ante-mão, a longos ira-gos, toda a felicidade em perspectiva.

E partem I

E logo tratam de organizar a nova vida. Vida de praia, vida de termas, vida de campo... Passelos, excursões. piqueniques, banhos de mar, desporte. E, a par disto—todos os passatempos da cidade, adaptados, quando muito—châs, festas mundanas, cinema, bailes... e en sei lá que

E há muita agitação — a «actividade» do verão é por vezes superior à do inverno...

E dispersam-se as familias. Convive-se muito, é certo, mas à margem dos laços familiares. Longe das vistas dos pais, rapazes, raparigas, num grande á-vontade, que as modas vindas de além Atlântico consentem, passam éstes meses de férias, sobretudo, em plena camaradagem.

Camaradagem I... Palavra simpática, de sabor mo-

Já lá vai o tempo em que rapazes e raparigas se divertiam em familia, ou melhor - juntamente com as familias. Agora, andar com o pai ou com a mãe — não dá jeito — os gostos são tão diferentes I... Quanto a «chaperons», que ridiculo! E para que, Santo Deus?...

Que mal é que tem rapazes e raparigas andarem sòsi-nhos? «Lá fora é assim: tòda a gente o faz!...» É o argu-

mento, que mais se ouve.

E será, só por si, um argumento, na realidade? Não terá na verdade mal nenhum êste à-vontade da vida moderna? Na febre de copiar figurinos extrangeiros, não se cuidará pouco de os adaptar à nossa... latitude? Entrar-se-à, na devida conta, com os nossos temperamentos de meridionais? Será tão inocente como à primeira vista pode pa-recer, a tal camaradagem entre raparigas e rapazes? Salbamos ser objectivos, leais, o passenios da teoria à prática.

Em primeiro lugar, donde vieram estes hábitos, estas modas? Será falso afirmar que vieram até nos, de... Holywood, em rôlos de gelatina?... Será injusto acuear certo cinema de tornar essas modas mais perigosas ainda, pela excitação que trazem à imaginação, aos sentidos? Por outro lado — é tão forte o poder de sugestão da imágem! Como tudo parece lindo, agradável, naturalissimo, no «écran»!... Rapazes, raparigas, num grande à vontade, a gozarem a vida, alegremente! Bons amigos, bons «camaradas» e nada mais. Que mai pode haver nisto?

Raparigas que ledes estas linhas! dizel-me com fran-queza: estas liberdades terão efeitos benéficos? Ganhará com elas a sociedade—as famillas, as raparigas, os rapazes?

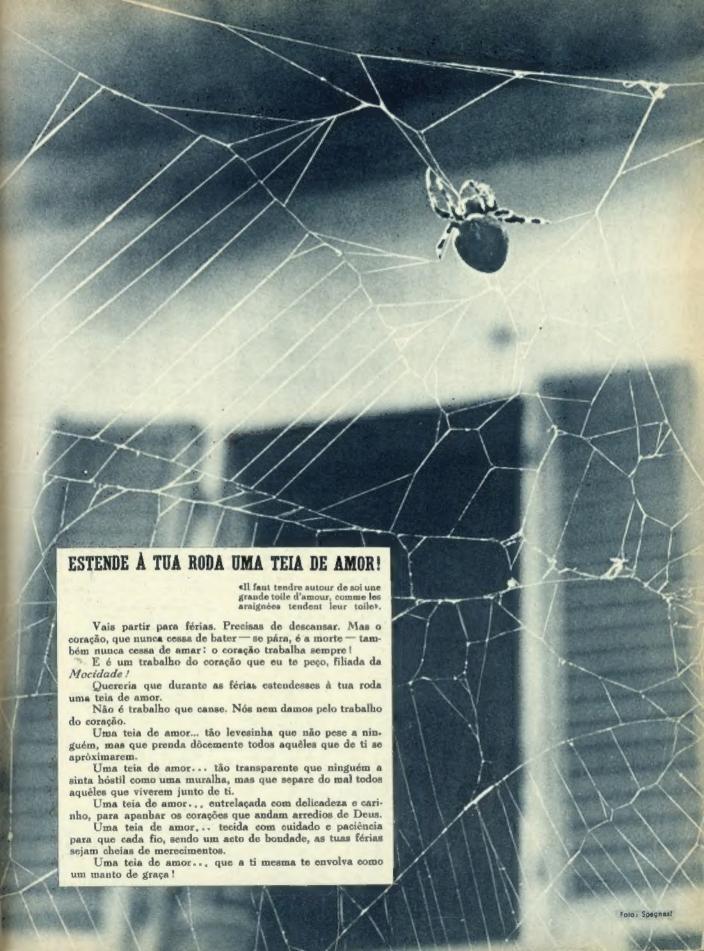
Não è verdade que certas atitudes, certas conversas, que surgem naturalmente duma convivência demasiado due surgem muitissimo para que os rapazes percam aquele respeito, que tinheis o direito de exigir dêles, e que hoje em dia parece ir passando de moda?

Por outro lado, achais que é tudo simplicidade, alegria es, nesses passelos longe da vista dos pais, nesses colóquios a «duo», na praia, no pinhal, nas tardes ociosas das termas, ou entre duas dancas, ao luar? Não serão pelo menos imprudências estas liberdades excessivas entre rapazes e raparigas, por vezes em idades tão perigosas?

Há por ai muito quem afirme que tudo vai da educação. Não negamos, é claro, a importância dêste factor, mas teso não impede que a consideremos incapaz de modificar radicalmente os temperamentos. E no caso que aqui consideramos, há a experiência de tôda a hora a prová-lo. Discute-se o problema sob todos os prismas, afirmam-se atitudes, toleram-se hábitos, tudo para defender certos principios. E no caso final, o que acontece? Na melhor das hipóteses, a tal camaradagem naturalissima, inocentissima, dum momento para o outro, acha-se convertida muito simplesmente naquilo que uma ilustre poetisa nossa, tão espirituosamente define nestes termos :

> eFlirt, é um flo dourado Sôbre um rio atravessado, Todo luz... Amor é o nome do rio ; Quem não sabe andar no fio, Catrapuz I...»

Cautela pois com camaradagens — não fechels os olhos aos perigos que delas podem advir e, por outro lado, daí mostras de são nacionalismo, não vos resignando a aceitar servilmente os figurinos extrangeiros, só... porque são extrangeiros.





PRAIAS... BANHOS!

Férias I Férias I Férias grandes III

E' o grito do momento.

E um constante sussurro flutua. São preguntas e respostas:

Para onde vais êste ano?

Praia? Campo?

Não seil Lá em casa atnda

não se decidiram...

E enquanto pelas escolas, liceus, institutos, faculdades, se projecta, divaga, combina, em casa os Pais, a Familia fazem cálculos, muito mais complicados e transcendentes do que aqueles que durante o ano causaram dores de cabeça e algumas agonias a certas raparigas que sofreram o susto de uma chamada inesperada...

E' um aflitivo problema que a Familia tem de resolver antes que chegue o momento da entrada triunfal das notas do último periodo. Notas que teem o condão de obrigar outras «notas» a tomarem ar... aquelas que a pouco e pouco se foram amontoando em certa gaveta para, no momento preciso, proporcionarem umas férias proveitosas!

Depois de um ano de labuta para alcançar uma nota ou uma passagem sem soluços de maior é de justiça recompensar todo o esforço de que por vezes a saude sai um pouco abalada.

Hà dias, em casa amiga discutia-se o assunto, e enquanto alguns alvitravam o campo, as raparigas, a maioria, lutavam desespe-

radamente pela... praia!

Elas la tinham as suas razões! Quasi todas as amigas e condiscipulas iam para a praia e elas sentir-se-iam lesadas se não participassem dos prazeres que a praia proporciona, entre outros o refrescante e saudavel banho, os jogos na areia, ao sol, ao ar livre, a

Junto da janela, uma velha Tia observava com enternecido carinho todo aquéle entusiasmo moço, e, com saudade, evocava o seu tempo. Sim, ela também nessa idade preferia a praia, A praia?I A época balnear l'As «alforrécas de Pedroicos» l Como tudo la longe e tão

diferente !

1 - Pimeira categoria - Prala da Fundição, Continuos e serventes, 2 - Segunda categoria - As barcas, Amanuenses e alferes, 3 - Terceira categoria — Prala de Torre. Segundos oficials e majores

Proles em 1887



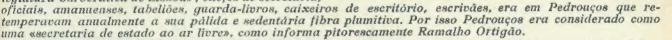
Feitos os cálculos financeiros a decisão chegava. Sim, iriam para a praia, Mas qual? Elas são tantas e tão belas! E naquêle borborinho entusiástico da vitória alcançada, a velha Tia murmurava: no meu tempo... no meu tempo...

E então foi um recordar saŭdoso do famoso «Banho da Barca».

Era ali em frente ao Terreiro do Paço que a grande barca «NOVA FLOR DE LISBOA» pairava; mais em frente ao Caes do Sodré fundeava a «FLOR DO TEJO». Eram verdadeiros estabelecimentos de banhos. Logo de manhàsinha todos se preparavam como se fóssem para um passeio pela cidade e embarcavam nuns pequenos botes de remos que os transportavam à barcaça escolhida. Chegados là, conforme a situação financeira ou se ia para o «Banho de Prôa» — quartos individuais — ou para o «Banho de Ré», espécie de grande piscina onde todos se misturavam. Havia bufete, música e um grande mêdo às alforrecas...

Tinham estas barcaças umas divisórias que constituiam uns pequenos quartos com escadinha privativa para o fundo, que era gradeado afim da água entrar e sair ao sabor da corrente. O banhista entrava na sbarcaça» comprava o seu bilhete de banho de «Próa» ou «Ré», metia-se no seu quartinho, mudava de «toilette», descia a escadinha, mergulhava durante uns dez ou quinze minutos agarrado a uma corda naquela impurissima água. Findo o tempo estabelecido para estar na água, sala, enroupava-se novamente, ia até ao bufete tomar o seu café ou o cálix de vinho do Porto para aquecer... e pronto estava o banho tomado.

Anos mais tarde, as barcaças já não satisfaziam, e os Pais de fumilia começaram a olhar para as praias que mais acessíveis eram às suas bolsas e surgem então os «Banhos da Praia da Torre» (Torre de Belém), Pedrouços, Algês, Pedrouços III «A mansão oficial da vilegiatura burocrática de Lisboa»; chefes de secretaria,



O banho era rápido, de mergulho. Sim, tinha que ser rápido, porque, segundo afirmavam os entendidos, a humidade da areia era perigosa para a saúde. Os fatos eram de castorina ou gorgorão preto ou azul escuro. Tinham calças compridas e as blusas iam até aos joelhos quando os não ultrapassavam. Usava-se o gorgorão rijo para evitar que ao molhar-se ficasse colado ao corpo. A prudente decência obrigava o banheiro ou a criada a estarem à borda da água com uma comprida capa que lançavam sôbre a banhista mal ela saía da água e na qual se embrulhava para só a largar já dentro da barraca. Dali saíam já vestidas e calçadas de botas com saltos à Luis XV para se afastarem ràpidamente daquela praia onde só voltariam no dia seguinte para a obrigação do banho matinal.

Ia-se para a praia vestida de seda com fato de cauda. Havia quem entrasse no banho de sombrinha aberta para evitar que a ardência dos raios solares «maculasse a alvura da cutis». O banho limitava-se a acocorar-se a banhista e a dar um saltinho acompanhado por vezes de um gritinho estérico, quando a onda se aproximava, embora as mais afoitas se deixassem molhar integralmente pelas ondas. Eram então retiradas ao colo do banheiro que as poisava na areia onde já estava a criada ou a banheira com a luxuosa capa à espera... Depois de instalada na barraca, procedia à complicada e demorada «toilette» que lhe permitia sair em estado de entrar logo num salão... a receber cerimoniosamente as visitas III

«Estar a banhos», a máxima aspiração das raparigas de ontem... Ontem como hoje mantem-se a preferência pelas praias mas pelos desenhos da época que aqui se reproduzem avaliem vocês quanto evolucionou a maneira de as gozar!

E enquanto as ilustrações são saboreadas, a velha Tia que tenta acompanhar a alegria buliçosa das raparigas de hoje sente bailar-lhe no suave olhar, já um pouco amortecido pela saŭdade, uma lagrimasita e vai murmurando: No meu tempo...

Julieta Ferrão

A—Quarta categoria — Pedrouços, Primeiros oficiais, chejes de repartição, coronéis... 5 — Quinta categoria — Paço de Arcos, Adidos de legerção, Estabelecimentos de crédito. Companhias bancárias. 6 — Sexta categoria — Cascais. Corpo diplomático. Nobreza



-Para os «banhos da barca» - 1876

NESTA época de intensas e graves preocupações de exames, estou certa de que, todas vós, queridas raparigas, sonhais com as férias e vos preparais para as passar com o máximo de satisfação.

Deus permita que todos os vossos bons desejos sejam satisfeitos!

Mas, um pouco em segrêdo, deixai-me dizer-vos que tenho em grande receio — receio por vós, está claro.

Têmo que nem todas vos disponhais a viver bem as vossas férias, êsse tempo em que são vantajosos e mesmo necessários os divertimentos, mas em que também precisamos de recuperar energias gastas e adquirir novas para a caminhada do ano seguinte.

Lêstes os conselhos e ensinamentos escritos por toda a parte na semana da tuberculose?

Um dêles diz que o ar é um dos principais alimentos.

Talvez não vos tenha merecido reparo, o que não admira.

Permiti pois que vos chame a atenção para êste alimento tão precioso que quando êle talta a vida se acaba. Não é necessário prepará-lo. E Nosso Senhor deu-no-lo com tanta abundância que para todos chega.

O que é necessário, é saber utilizá-lo.

Socegai que não vou fazer uma aula de hi-

Todas vós sabeis já as vantagens da vida ao ar livre.

Aquêles conselhos tão banais que vos foram dados nas aulas de Higiene recordai-os e fazei o que puderdes por vivê-los.

De nada nos serve saber que: dormir com a janela aberta é bom—se continuarmos a calafetar-nos no nosso quarto tanto no verão como no inverno; que os exercícios físicos praticados ao ar livre são fonte de saúde e boa disposição—se molemente nos deixamos ficar no leito durante as belas manhãs do estio.

Vós sabeis que nenhum alimento ou medicamento poderá ser convenientemente aproveitado pelo nosso organismo sem o auxílio do ar.

Há ainda tanta gente que foge do ar, que lhe fecha as portas e janelas!

Não deveis vós, as raparigas da Mocidade, ingressar nêsse número.

Aproveitai pois as vossas férias para viver quanto possível ao ar livre, sem esquecer que também o bom senso deve condicionar todos os actos da nossa vida.



Filiadas da M. P. F. em excursão

VIDA AO AR LIVRE

Filiadas da M. P. F. O prazer de nadar l



Custodia Alves

A RONDA DAS HORAS



PARECEM tão lentos os ponteiros e afinal a ronda das horas é quási uma correria: passa o dia tão depressa!

É manhā... é já meio dia... tarde plena...

noite escura...

Filiada da Mocidade: deixarás que na tua vida a ronda das horas seja apenas a dança doida de quem gasta o tempo sem o

aproveitar?

È manha. Estas em térias. Não tens contigo os livros de estudo. Mas ai tens o teu missal. Ajoelha. Reza. «Jà o astro do dia desponta; dirijamos, pois, de joelhos, as nossas preces a Deus. suplicando-lhe que durante êste dia nos perserve de todo o mal».

E agora, ergue-te e vai... Estàs na praia? Entra na ronda alegre das horas. Brinca à tua vontade. Toma banho, nada... Diverte-te! Uma sò coisa te é pedida: lembra-te que és filiada da Mocidade e conserva-te sempre-correcta nas tuas atitudes, nas tuas pala-vras, no teu vestuário — em tudo.

Estás no campo? Também aí podes en-

trar na ronda alegre das horas. Passeia; corre, inebria-te de ar e de luz!

É meio dia. Volta para casa e a alma renovada pelo contacto com a natureza—onde encontraste Deus—arrasta todos os teus para a ronda alegre das horas: faz com que a alegria presida à refeição familiar.

Tarde plena. Continua a ronda das horas...
Os desportos teem as tuas preferências?
Talvez o tennis? O ciclismo? O remo?
Tudo é bom, se não for exagerado e não

Tudo é bom, se não for exagerado e não sair para fora daquela correcção que mais uma vez te recomendo, filiada da Mocidade!

Talvez, no campo, a tua tarde se apresente vazia de divertimentos. Mas a ronda das horas não pára: não percas o teu tempo!

Está-se tão bem à sombra duma árvore, que nos dá também encôsto! Lê. Mas deixa-te de romancecos sem valor literário nem educativo. Há tantos livros bons que distraem, mais: que dão verdadeiro prazer!

Ou se queres, borda... (Não tens uma «arca» para nela ires arrecadando o comêço

do teu bragal de noiva?)

Ou pensa nos pobres e pega nas agulhas

de tricot...

E, se quisesses, poderias ir até à igreja onde as catequistas da aldeia te ficariam tão reconhecidas se as fôsses ajudar a preparar as crianças para a 1.º comunhão. Já falta pouco tempo. A festa é no fim do mês. Porque não vais?

Ou então, sabes o caminho... é além, naquela casa, que mora tal doente... ou tal

velhinha...

A ronda das horas passa lúgubre junto dêsse leito de doença... A ronda das horas não tardará a parar para essa pobrezinha...

Vai! Leva contigo a alegria...

E' noite. Se passas o serão em casa, faze dêle uma ronda alegre de horas em volta da mesa onde se trabalha, se conversa e se ri.

Se à noite está suave, deixa-te ficar ao ar livre, a olhar para o céu. A ronda das horas confunde-se com a ronda das estrêlas. Já viste coisa mais linda?

Mas vais talvez passar parte da tua noite a um casino. Sabes? Tenho pena... Pareceme que gosarias mais cá fora...

Se gostas, ou para comprazer tens de

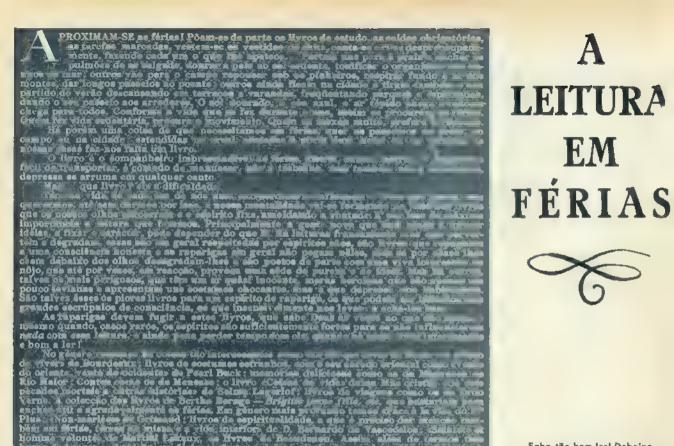
acompanhar os teus, vai!

Podes dançar. Mas não dances de modo que a ronda das horas seja esquecida. Já são horas de ires descansar. Não percas a noite, sacrificando a saúde!

E sobretudo, filiada da Mocidade, lembrate que numa sala de baile tu deves, como em tôda a parte, dar bom exemplo às outras raparigas. Sê correcta. Sê simples. Sê pura.

Maria Joana Mendes Leal

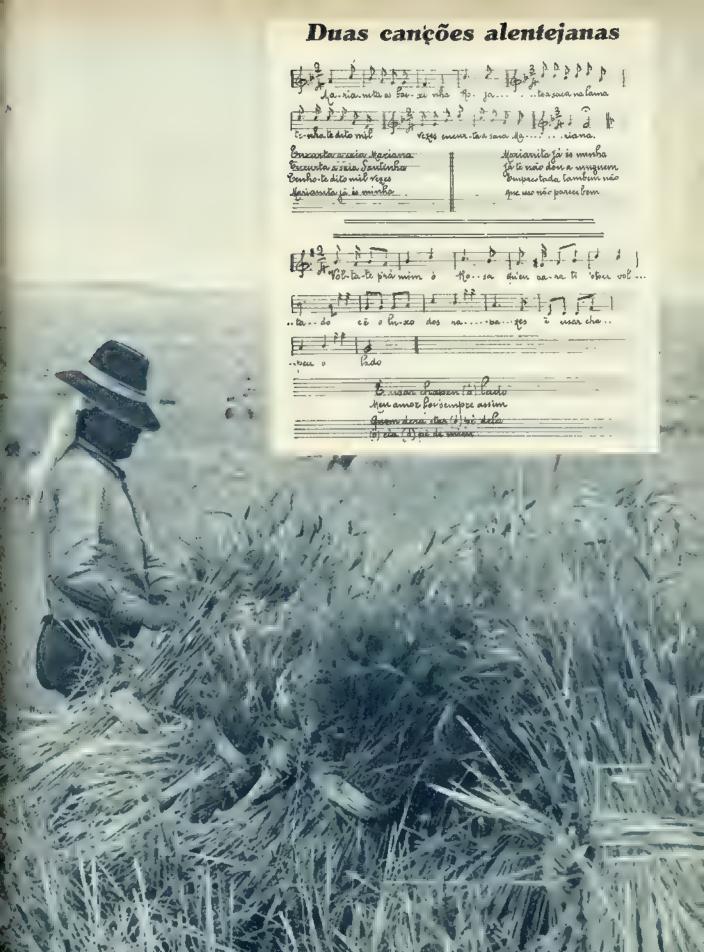




Sabe tão bem ler! Debaixo das árvores e até... em cima das árvores

Foro M C Olivere Spares - Filleda da M P







Até o combólo parece correr alegre -- para férias!

GUIDA

RAPARIGA DE HOJE

III - Férias

À porta do Liceu, num grande grupo, estavam reiinidas muitas raparigas e entre elas Guida, Luz, Joaninha, Ana Maria e Alda.

Alegremente discutiam entre si o resultado dos exames. Joaninha, modesta, recebia as felicitações de todas; mais uma vez ela tinha sido a primeira em notas, acabando o ano com brilhantismo. Luz, que se lhe seguia em classificação, nos sens doces olhos negros manifestava uma grande alegria. Guida também passara com boss notas. Ana Maria, como sempre, queixava se de falta de sorte e de injustiças. Alda soube que tinha passado com a maior indiferença, interessava a muito mais o próximo chá dansante em que estrearia um vestido de "organdi" côr de rosa, do que o ter passado nos exames.

— Férias, que alegria — diziam todas as pequenas... Para onde as vão passar?

Em breves dias elas, que todo o ano estiveram juntas, vão espalhar-se por tôdo o país, e começam já os projectos.

Alda vai percorrer as termas elegantes e depois virá para o Estoril.

Ana Maria vai para a Beira, para casa de seus pais.

Joaninha vai estar um mês em Espinho em casa da avó, com um dos irmãozitos. Luz vai para a sua casa dos arredores de Braga, onde já estão os pais, as duas irmãs e o irmão.

Guida com tôda a familia vai para casa da avó, para o velho solar, onde todos se sentem tão felizes.

E todas prometem escreverse. Luz e Guida afirmam que se visitarão: afinal vão ambas para o Minho e as suas familias são aparentadas.

Em casa de Guida a alegria loi grande quando ela chegou e disse ter

passado com 14 valores. João Manoel, que também tinha sido feliz nos seus exames, abraçou-a com entusiasmo; Maria Adclaide saltava com o Tareco nos braços que começou a mostrar as unhas e a abanar a cauda felpuda em sinal de desagrado por tão bulhenta alegna.

O jantar correu com grande satisfação e todos riram quando Maria Adelaide disse:

— Oh Guida, o Tareco está a felicitar-te, olha como bate com a patinha no teu juelho!

Guida, rindo e fazendo covinhas na face redonda, respondeu:

— O Tereco já devia saber que um gato bem educado come na cozinha, e o que êle está é a pedir que lbe dê do mou jantar.

A sobremesa, quando o senhor Albu-

querque declarou que dali a cinco dias partiam para o Norte, a alegria tornou-se ruidosa e a pròpria D. Elena, animadissima, fazia projectos.

No dia seguinte de manhã começaram os preparativos de viagem. D. Elena foi à Baixa fazer compras urgentes: lembranças para sua mãe e seu tio, para as caseiras e criadas.

Guida começou a fazer a maia, que nesses dias faria e desmancharia muitas vezes. As criadas enrolavam carpettes e preparavam a casa para ser fechada.

Maria Adelaide, preocupada, estudava qual dos três cestos seria o melhor para conduzir o Tareco. Metia o gato num deles e esperava o resultado, que em todos era o mesmo. O comodista do bichano de tava-se na almofada e fazia um rico sono.

A pequenita não gozava êste ano a viagem como costumava. A ideia que lhe tirariam o gatuho e o deitariam para o "fourgon" apertava lhe o coração.

No dia marcado, logo cêdo, estavam todos na estação alegres e descuidados; só Maria Adelaide, pálida, estava aflita. O Tareco, que nos últimos dias passava o dia no cesto que ela escolhera, ao ver-se fechado e dentro do automóvel atroara os ares com estridentes "miaus,...

A pequena tremia com medo dos revisores. Agora, já instalados, estava calado mas gemia de vez em quando, quando ela lhe dizia:

 Tarèquinho, vai calado por causa do revisor.

João Manoel e Guida, que tinham ido dar uma volta na estação, vieram muito animados dizer que Luz e as tias estavam numa carruagem próxima, o que a todos alegrou, e até Maria Adelaide quiz ir dar um beijo à Luz, entregando ao pai, o precioso cêsto com o gato.

A viagem, penosa pelo calor e aglomerado de passageiros, correu bem. Luz e Guida fizeram-se visitas e havia projectos de encontros, combinações, comque as duas famílias concordaram.

Chegaram ao Pôrto, de onde seguiriam nas camionetes de Braga e Viana que partiam da mesma "garage". Todos juntos tomaram chá na Arcádia, onde D. Elena e as tias de Luz ficaram conversando enquanto o senhor Albuquerque, João Manoel, Guida e Luz foram dar uma volta pela cidade. Maria Ade-

«Ao fim do cominho, a capela da caso»



laido ficou porque estava desconsolada; o cêsto do Tareco já estava tão sujo, que ninguém lhe queria pegar, só a sua dedicação a levava a schar "que não fazia mal".

Na "garage" houve despedidas e Luz e Guida duma "camionette" para a outra ainda faziam combinações e projectos com a alegria própria da sua idade.

A viagem na "camionete", por uma linda tarde de Julho, foi deslumbrante. A estrada do Pôrto a Viana do Castelo é uma das mais lindas, com as suas paragens em Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Espozende. O mar refulgia ao eol claro, os pinhais rescendiam aromas e as cassa tornam uma parte da estrada em avenida de maravilba.

Pelas alturas de Espozende começam a ver-se montanhas com penedos e pinhais salpicados de moinhos e de capelas, que atestam o espírito religioso do Munho.

Passado o río Neiva com as suas azenlas e verdura, a gente nova começou a estar inquieta:

- Estamos quási na quinta! E quando João Manoel anunciou que já via na estrada o tio Jacinto com o carro, foi tal o entusiasmo que todos os passageiros riram: alguns muito conhecidos da familia Vasconcelos.

Efectivamente lá estava o tio Jacinto, tão querido da gente nova, com os seus 65 anos e ainda um perfeito homem; robusto, corado, com a sua cabeleira branca muito original, viveu sempre na quinta, e, na familia, o seu delirio tinham sido sempre as crianças mais novas.

Este solteirão incorrigivel adora crianças e é por elas adorado. D. Elena tinha sido uma sobrinha muito querida e agora es pequenos encantavam-no. João Manoel tornou-se um companheiro. Guida já êle começa a achar que está "senhorita,. E Maria Adelaide tem agora a primazia. Levantou-a ao ar nos braços, e ela, beijando-o disse-lhe:

- Tio Jacinto, tome conta do meu gatinho, que está naquele cesto, as criadas não gostam de lhe pegar porque está aujo.
- Está descansada, filha, o cheiro de almiscar, não me incomoda, e vai aqui no automóvel ao pé de mim.

Acomodaram-se todos e o Snr. Albuquerque, João Manoel e as oriadas foram a pé o quilómetro que as separava da casa. Pelo caminho tão conhecido a gente da aldeia corria às portas a ver chegar os senhores de Lisboa.

Maria Adelaide gritava pela Laura Pintassilga e outras garotas com quem brincara o ano anterior.

Quando chegaram ao portão do Calvário e êste se abriu, D. Elena suspirou de alegria; repentiuamente lhe apareceram, à direita, os montes da mata, com os lindos pinheirais, ao fundo da Avenida o telhado da casa, e à esquerda o mar deslumbrante de azul, naquela tarde.

Ao chegar ao terreiro viram, na larga varanda, D. María de Vasconcelos que quási chorava de alegria. Que abraços e beijos se deram nessa sala de entrada magestosa, com a sua histórica arca, o seu bufete antigo, retratos de antepassados, panóplias de armas, e o seu teto em apainelados de castanho.

Correram logo a casa tôda e foram às janelas da sala azul ver a fonte de S.to António, a vista do formoso vale, a aldeia que aos pés do solar se estende e o mar.

Maria Adelaide correu à cozinha ver a Maria, que tantas histórias sabe, que ri sempre, quer sejam alegres ou tristes, e que faz tão

bone petiacos.

A pequenina descansou;
o seu Tareco
está fechado no
quarto dela, debaixo da cama,
estonteado da
viagem e tre
m e n d o d e
medo.

O que foi o jantar desse dia na quinta de Paço, sabem no todos os que teem a felicidade de passar as férias numa casa de família, on de todos que se re un em a e amam e vivem para Deus e para a sua família.

lêncio era apenas interrompido pelo barulho cantante das duas bicas da fonte, a que respondia como um eco o grande tanque do monte que devia, como o costume, estar rodeado de hortenses.

Guida sentiu mais uma vez o encanto da paisagem e elevou para Deus a sua alma num agradecimento de tudo o que lhe dava, como sua mãe sempre lhe enainara a fazer.

E começou a pensar que ela era um elo da cadeia da família. Ali tinham vivido as tias da avó, três elegantes senhoras: no sótão lá estão os baús com os seus lindos vestidos e as mil futilidades da sua época: depois a avó, nascera ali; o tio Jacinto sempre ali vivera; sua mãe tinha nascido ali e batisara-se na capela. A avó, depois de viúva, vivia sempre com o tio Jacinto, e Guida pensou que também ela estava feita uma senhora e que um dia talvez casasse, e,



Preparativos de partida

Quando Guida recolheu ao seu quarto, o quarto grande do andar de cima, que pela primeira vez a avó lhe destinara, sentiu-se pessoa importante, e com a vista percorreu todos os recantos, a cama antiga D. João V, a cómoda bojuda, o lavatório toilette, o canapé de palhinha parede do fundo com os cadeirões ao lado, em frente a janela de guilhotina, enfeitada a cretons, com os seus bancos de pedra com almofadas do mesmo tecido.

Dirigiu-se à janela e sentou-se num dos bencos. À noite estava de luar e ela via toda a paisagem. Em frente, o mar que parecia de prata, e, ali ao fim do caminho, a capelinha da casa, mais abaixo o cruzeiro tão elegante, para o outro lado os grandes pinheiros mansos. O simais tarde, oa seus filhos viriam para a quinta e sentir-se lam felizes como ela estava.

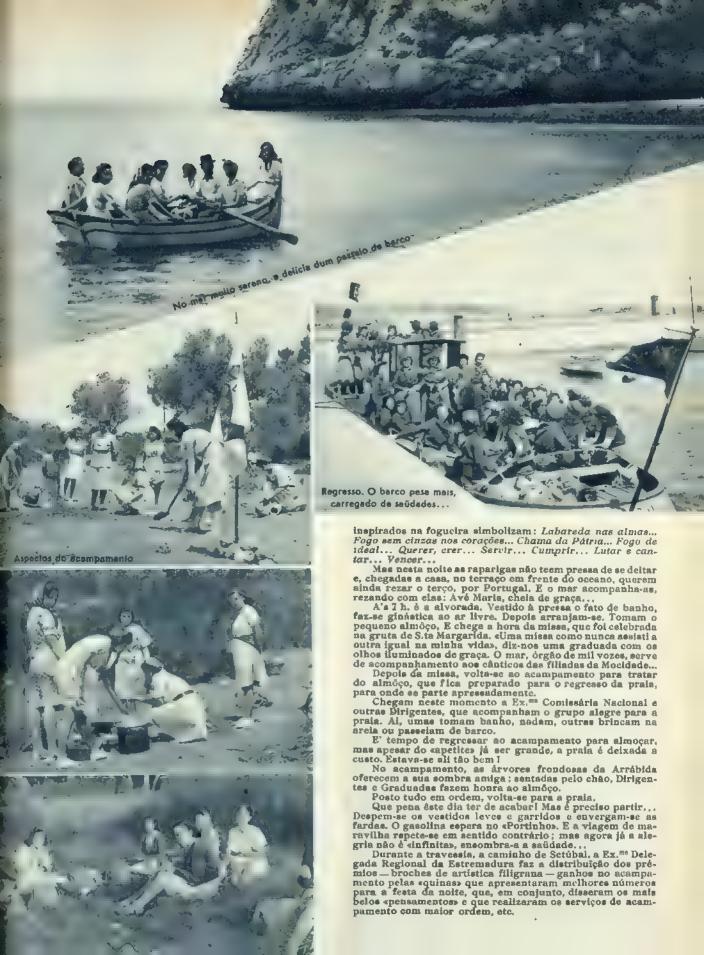
Casar? Com quem seria? De repente na sua imaginação passou uma tarde de "tennis" no Estoril, uma farda de aspirante... Ficou surpreendida com a ideia, mas como a noite refrescara, fechou a janela e disse alto:

"O luar faz-me tola, já estou como a Alda a pensar em "flirts" e a mãe diz sempre que ainda sou uma criança e tem razão".

Depois de rezar deitou-se e dormiu como criança que ainda é, até ao dia seguinte.

Maria d'Eça





UM PROBLEMA

YOS países em guerra, onde as destruïções teem sido tão grandes, debate-se grave problema, que tem de ser solucionado antes do fim do conflito. A questão é esta: as casas a reconstruir serão familiares ou colectivas? Devem ser independentes (para cada familia) com a cozinha, quartos e jardinzinho? Ou, pelo contrário, veremos edificar grandes "blocos" de cimento armado, colossais prédios para inúmeras familias? Nesses edifícios os inquilinos dos andares comprimidos em acanhado espaço terão contudo direito à grande sala de jantar comum, espécie de refeitório, onde as refeições a horas certas serão servidas iguais para todos, e outras regalias comunais. Muito antes da guerra foram feitas numerosas experiências em casas económicas. Mas com milhares de familias privadas de lar pela guerra, não se trata já de experiências mas sim de alojar condignamente uma bôa parte dessas populações tão duramente atingidas.

Existem planos de bairros enormes, feitos desses "blocos" de andares, com um jardim ao centro, refeitório, "Casa de Recreio", cinema, Igreja e Escola. Existem também planos de bairros com casas e andares completamente individuais, mas possivelmente mais caros e trabalhosos de planear e erguer. São por isso mais raros. No entanto, como esta terrivel guerra não finda e que as cidades continuam a ser bombardeadas, tôdas as famílias que podem vivem hoje no campo e vão se acostumando à posse da casa e até de jardim. As modestíssimas habitações dos campónios vão-se tornando agradáveis e até bonitas nas mãos mais experimentadas de citadinos. As moradias mais humildes são hoje mais apreciadas do que grandes palácios... o serviço é mais fácil de fazer e não se vecin tanto do ar...

Quando os membros das numerosas famílias agora dispersos se reunirem de novo e regressarem aos seus trabalhos normais, se não tiverem um verdadeiro "lar", onde possam além de dormir, comer e estar à vontade com as pessoas que lhes agradam, não é natural que consigam sequer ficar juntos.

Conhecedores de maior liberdade e mais conforto, apesar de tudo, não serão una quartos onde nem sequer podem tomar as suas refeições, que as prenderão no círculo familiar. Como é sabido, as familias imprimem carácter aos individuos e êstes à Nação. Que nações viriam a ser estas compostas e governadas por homens saídos dessas familias, portanto quási sem carácter? Tremo de pensar... No entanto se as mulheres dêsses países não começarem a dizer o que querem, se não gritarem bem alto como desejam as suas casas, êsses engenheiros, talvez inteligentes e sabedo-



res mas sem "verdaderro" conhecimento das necessidades duma familia, preparam-se tranquilamente para destruir os seus lares. Sim, preparam-se para não dar lugar para arrecadações, nem armários nem (se lhes derem cosinhas!) espaço bastante para se moverem nelas, nem quartos onde caibam moveis de tamanho razoável... Tôdas as recordações de pais e avós terão de se deitar fora nas mudanças e com elas, quantas vezes, as suas memórias e conselhos! Não se pode aumentar a família nem convidar um amigo. Dir-se--há que o amigo pode ser convidado a comer na sala comunal... mas que obséquio é essa? Não se lhe poderá dar o prato que prefere, nem pôr na mesa as flores de que gosta, nem prestar qualquer atenção desta que o coração dita e que são possíveis mesmo nos mais modestos lares. Mas sobretudo desaparece o espirito de familia na confusão colectiva. Esperemos que as mulheres façam compreender aos "senhores dos planos" quanto os seus gostos são indi. viduais e como necessitam de crear um lar e não uma "cela de abelha numa colmeia".

O nosso govêrno compreendeu esta necessidade individualista das famílias bem constituídas. Os novos bairros económicos são todos de casas independentes, com os seus jardiuzinhos. Mas no resto da construção civil a tendência não é cesa. Oscila entre o luxo espaventoso e os quartos talhados para os anões da Branca de Neve... e mesmo assim com rendas inacessíveis à maioria das famílias portuguesas! Qual foi o construtor da nossa terra que se lembrou de nos preguntar como desejariamos a nossa casa? E foi pena...

Nós saberíamos muito bem dizer-lhe como seria o nosso "lar". Não creio que saíssem mais dispendiosas as casas dos nossos sonhos, e seriam certamente mais agradáveis... e práticas. — Enfim, o nosso problema sinda não é tão grave como o do resto da Europa. Está nas mãos das mulheres o futuro das famílias do nosso continente. Do seu protesto e da sua vontade expressa depende o futuro dos lares europeus. Devemos desejar-lhes boa sorte nos seus desejos e... continuarmos nós a pensar como é bom, útil e agradável ter uma casa, ou andar, mesmo minúsculo, mas que seja só nosso!

Francisca de Assis

Barra em ponto de Assis, em tons de azul, sendo o desenho circundado a preto





Descrever uma casa simples no campo ou à beira-mar e enviar essas descrição e dois desenhos, um do exterior (fachada ou pormenor interessante) e a planta interior à Direcção do Boletim, Praça Marquês de Pombal, n.º 8.

Para exemplificar damos dois esquemas feitos num serão familiar por uma rapariga de 18 anos e um rapaz de 17.

Os trabalhos que nos forem enviados serão apreciados por pessoas competentes e os melhores publicados nesta secção.

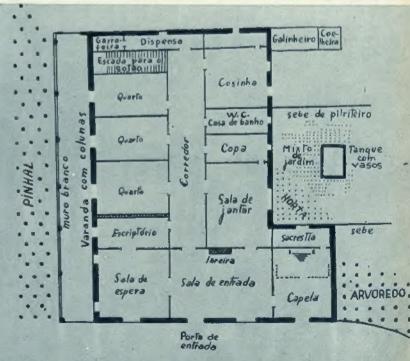
Os três mais classificados serão premiados com interessantíssimos livros sôbre arquitectura e arte.



CONCURSO DE FÉRIAS

A CASA RÚSTICA

Se vivesses no campo como gostarias que fôsse a tua casa?



Estrada ou rua principal da quinta, bastante larga.

PARA LER AO SERÃO

E

UMA FAMILIA PORTUGUESA

(Continuação)

A mulher, porém, tocou-lhe ao de leve no braço e aconselhou:

- Deixe-o falar, senhore, que éle se não fala arrebenta !

Helena não conseguiu suster o riso, pesar do olhar severo da mãe; e o senhor Santos, nada melindrado, continuou:

A menina ri-se? Pois é assim mesmo que eu gosto. Tristezas não pagam divi-das, não é assim? É vamos ao que im-porta. Olhe, minha senhora, eu sou um bom homem e a minha senhora é ouro de lei, cottada; dali não vem mai ao mundo.

Delxa lá leso, Santos, não te ponhas

com coisas.

- Ouro de lei, é o que en lhe digo. E eu que estou farto de trabalhar (não, que o meu negócio na Baia, deu-me água pela barba) resolvi viver no campo e fazer por

cà algum bem à pobreza.

— Que bom I — exclamou Helena.

– A menina é cà das minhas. Mas isto de fazer bem não há-de ser com lamúrias nem maçadas; tudo com risos, tudo com as suas festinhas à mistura, tudo à boa mente?

O Santos todo éle é coração — obser-

vou a mulher.

V. Ex. hao-de encontrar muitas ocasiões de exercer a caridade — diese D. Maria da Luz — As minhas pequenas interessam-se muito pelas obras sociais

da região...

— O Santos nem por isso é muito «regiõe» mas não é dos que embirram com os padres — tornou D. América.

Helena salu precipitadamente da sala, fungando com riso.

E Francisca preguntou : — As suas filhas que idade tém? O senhor Santos, com um sorriso embe-

vecido, respondeu:

- Lisette e Susette è que elas se chamam. E têm 16 e 17 anos as nossas mentnas. Jå sabem arranjar-se, pintar os beiços s não savergonham ninguém...

— Têm a idade das minhas — tornou

D. Maria da Luz.

-E temos um filho de 25 anos na Guiné-disse a senhora.

Quando a senhora for à Torre pagar a nossa visita — continuon o senhor Santos — o melhor é combinar o dia para as meninas se conhecerem, não é assim? D. Maria da Luz murmurou:

-Eu sato pouro, desde a morte de meu marido, mas...

Eu mando até o carro buscá-las se é pela dificuldade da condução.

- Não sel se será possivel - tornou D. Maria da Luz.

Mas Helena que voltara e ouviu a pro-posta do banqueiro, exclamou:

Oh Mae, talvez calhasse bem irmos

lá no Domingo com o João e o Alberto; é um passelo lindo l O senhor Santos não deu tempo a que D. Marla da Luz, pouco contente, respon-desse; e, levantando-se, declarou:

Fica assim combinadinho, sim? No Domingo al pelas 3 horas, cá está o meu «Crysler» à porta para levar as senhoras e os mexinos à Tôrre.

E com o ar satisfeito de quem tinha ildo um verdadeiro sucesso, o gordo casal saiu, acompanhado até ao carro pelas duas raparigas.

Rapazes

Os quatro rapazes de Leiria, inscritos na «Mocidade Portuguesa» tinham partido para Lisboa, a juntar-se ao irmão, legionário, para tomarem parte todos na parada de 28 de Maio. E, com um sol ra-dioso, amanheceu ésse dia feliz. Desfilava a Legido portuguesa pelas ruas e praças de Lieboo

O barulho ensurdecedor dos aviões, formados em grupos de quinze, guardando as distâncias duma manstra admirável, dominava a cidade, em festa para a

grande parada. E, cada vez que se aproximava, no asul

purissimo do céu, a esquadrilha disciplinada, corria um frémito de entusiasmo entre a multidão apinhada na borda dos passelos, nos degraus dos edificios, nas praças, nas ruas. Que ordem, porém, nesta aglomeração de gente! Os policias, com suas fardas azues, luvas brancas, capacetes escuros, limitavam-se a manter o povo nos seus lugares com bonhomia simpàtica; e, de vez em quando, na ânsia de mudar de lugar, là la uma onda de gente dum lado da rua para o outro à espera do desfile.

Quando, ao som dos clarins e das múltiplas bandas, surgiram os batalhões bem formados, marchando de manetra irre-

preensivel, fol um delirio!

Viam-se rapazes altos, espadaudos, fortes; e, h mens de 60 anos, rugas e cans e cabeças calvas ou grandes barbas embranquecidas. Ao ver desfilar ésses vete-ranos ao lado dos rapazes novos, não se sabla, na verdade, quals eram mais impressionantes!

Quando os cinco irmãos se renniram, na manhà seguinte, no pequeno quarto de Pedro, nem sentiam jà o cansaço du véspera, e recordavam com entusiasmo aque-

la tarde memoravel.

- Tenho tanto orgulho na «Legido»! - disse Joaquim.

— Que pena ter de se partir esta tarde — lamenton Manuel. - Era justo que nos deixassem ir à noite ao cinema - observou Mário.

E, Manuel, concluiu:

— Era bestial... mas não se lembraram

Pedro intervelo: Olhem, como temos de esperar ainda uma boa meia hora até ao almôco, vainos conversar. Que fazem vocês là por Leiria?

Conta là Hugo...

— A Tia Angélica é uma santa; e como
nos deixa fazer tudo o que queremos a
nossa responsabilidade é horrorosa!

- Temos de ter o dôbro do juizo — disse Joaquim - e nem sempre apetece ter

juizo, não acham?

— Noutro dia instalámo-nos a fumar,

- O qué?! - gritou Pedro, indignado. - Enido, não se morre por fazer as-neiras de vez em quando - interrompeu

O menino cale o bico - cortou Pedro.

Hugo continuou:

Pois estávamos repimpados a deltar fumaças quando a pobre Tia Angélica bateu à porta...

— Não deve ter ficado contente — disse

- Isso sim ! - respondeu Joaquim -Nos deltámos fora os cigarros e a cinza; e quando ela entrou disse, ingénuamente, franzindo o nariz «parece que há aqui um pouco de famo; serà do jardim.» E nos...

moita, já se vé.

— Com os tios Mextas não há liberdade;

— Mas como nenhuma; alt tudo é às horas. Mas como o Gonçalo anda connosco no liceu, arranjam-se umas pāndegas bem boas — disse

Manuel.

- E mandam-nos sempre ao cinema quando há fitas que se podem vêr e é fe-riado no dia seguints. A Eugènia é que nos arranja isso, coltada; uma pequena como não há outra...

Mário simulou um forte ataque de

tosse.

Ah, sim? - disse Pedro rindo. Mas Manuel tornou, zangado e còrado - Detesto pladas!

E tens razão, Mané-disse Pedro, a



- O Pedro, conta là da tua vida em Lis-

boa — pediu Joaquim.
Pedro teve um sorriso um pouco triste. Se querem que lhes diga, não ando muito contentε. Na escola vai tudo menôs mal, devo ter um «accessit» como tive nos dois primeiros anos.

-Então? - interrogou Hugo, com inte-

- Aos sábados vou ao cinema, às revistas e a casa dos Mellos, que recebem nessas noites; mas como não gosto do «Mahlongo maco-me um bocado.

- Então a linda Gabriela já lá não

pa/2...

Pedro, còrou um pouco e respondeu.

aborrectdo:

- Está menos bonita do que o ane pas-sado... A cabeleira tôda tufada, as unhas muito escarlates e anda com a manta da donça a tal ponto que já quási só isso a Interessa I

- Mas você dança lindamente ! -- ex-

elamou Mário.

- Pois quando se dança, lá nos arran-jamos - retorquiu Pedro a rir. - Mas o plor é quando se não dança. Olhem, que-rem saber o que se passa? É' cerio, certis-simo, que eu gosto da Gabriela a sério, e o meu sonho é casar com ela!

Pedro, cismando, calou-se.

— Porque é que vocé não há-de casar com ela um dia? — preguntou Hugo.

— A verdade é que ainda não a conhe-

ço bem... Hà colsas naquela rapariga continuou Pedro - que me desnortelam de common rearo — que ne desnorielam de todo. Fuma imeneo, o que eu detesto; mas se fôsse só isso... Assim, depois de dancar comigo uma noite inteira, vai sentarse no terraço com o José de Sousa e muca mais faz caso de mim! E natural? ndo é.

– L' uma pateta — concluiu Joaquim. – Tu não dissente que ela joi educada em Inglaterra? — preguntou Manuel — é por leso que é diferente das outras...

- Tem a mania de se tornar diferen-

le, o que não é o mesmo...

- E você dà o cavaquinho por ela, isso

é que é certo - disse Mário.

- Pareceu-me vê-la ontem quando estacionamos numa das Avenidas Novas, ao volante de um «Fiat» e vestida de en-carnado, — disne Hugo.

- Então não é số a dança que a intetessa — tornou Márto — é o sport, é a mo-dernice tôda junta. Afinal de que te quei-xus, Pedro? É uma mulher bonita, alegre, ad como um pero, e moderna desde os pes até à raiz dos cabelos !

-Excentrica, mais que moderna -

disse Joaquim.

- Mas é que o Pedro não é género muther moderna ou excentrica; antes quer a egata bowalheiro», tôda melguinha, que se meias, passeiu com a mama - obser-

Pedro riu e respondeu:

A's vezes parece-me que não poderei ser feliz se não casar com ela; mas outran vezen.

- Tambem ainda tens tempo, mais de tempo, para pensar; e vals vendo que al ela é — observou Hugo — Olhem, eu te-ale um namorico lá em Letria I E é quast ama paixão !..

Oh ... - gritaram os outros, admira-

108. Já a formiga tem catarro – troçou

Mario. – Se eu son formigo, você é pulga – esmungou Hugo – Mas olhem que nada listo se diz la para cusa, vejam la l... Grusam as manas de se ocupar dos nosos amores I — acrescentou, com impor-ficcia — E' uma menina do liceu, muito drianinha e anda no 6.º ano.

- Tive uma boa carta da Francisca lisse Pedro — e falx do novo conhecimeno que agora apareccu na aldeia : os do-ses da Casa da Torrel A Mão é que não di nada entusiasmada, .

- Alnda bem que vão pora lá pessoas vertidas - exclamou Manuel.

- A Lena escreveu ao Joaquim a falar ssa gente — disse Hugo — e parece que b ser là uma festa de arromba!

(Continua)



- Estou farta de ouvir falar do tal comunismo - declarou Alice, com ar enloado.

—E o papão de tôda a gente, isso é — confirmou Maria José — e, realmente... — Ora adeus — disse Joana — se chegar

a vir, um dia, cá o esperamos: não há-de ser tão mau como se diz.

-Oh Joana! -exclamou Clara -Falas do que não sabes, simplesmente! - Joana respondeu:

Não sel, não: nem tu, nem ninguém, afinal.

- Não é tanto assim - tornou Clare, a sério — Sabe-se bem o que foi o horror da guerra civil em Espanha, Sabe-se que a religião cristã é perseguida pelos comu-nistas; sabe-se que desejam a igualdade das classes o que é, segundo me têm dito pessoas ilustradas, uma colsa tão absur-da como impossível! Então um idiota hà-de trabalhar e ganhar como um intelectual? Entãe um ignorante pode estar à altura dum sábio?

– Jà se vê que não, Clars. – Mas – continuou Clars – oicam bem o que lhes vou dizer, meninas: pois foime explicado por uma pessoa que sabe o que diz. E' muito possivel, e mesmo provavel, que, acabada a guerra, haja grandes mudanças na vida de todos l

-Para melhor ou para peor, Ciarl-nba? -- preguntou Bertha.

Clara ficou scismática um momento.

Depois respondeu:

-Eu tenho horror ao tal comunismo, confesso; e tenho a impressão que nunca trará consigo a felicidade, o cossego, a paz... Mas que é essencial mudar algumas coisas que estão mal organizadas, nisso acredito eu. Garantir a TODOS o pão nosso de cada dia...

-O abafo no inverno - lembrou Ma-

ria José.

-Um cantinho bom para morar disse Bertha. - A educação às creanças - acudiu

- E umas pandegasinhas ao Domingo disse Joana.

- E afinal tudo isco se poderá fazer, talvez, sem revoluções, nem guerras, nem comicios — tornou Clara — E querem saber uma idéla minha, meninas?

— As tuas idélas são sempre esplêndi-

das I — disse Berths. —È que a maneira prática de combater o tal papão comunista está, em parte,

na nossa mão : tratemos de fazer tudo o que pudermos para nos tornarmos úteis quem tem menos do que nos; e de nos habituar, a pouco e pouco, a prescindir de luxos inúteis, de toleimas, de pieguices...

 Almocinho na cama; campainha-das às creadas por «dá cá aquela palha»; bolos de nata a atulhar o estômago; horae perdidas a pintarucar a cara... Josna, que enterrava ela propria tôdas as carapuças que la enumerando em ar de troça, acabou com uma alegre garga-

lhada. —E ė mesmo assim... — comentou Maria José, a sério.

Cartas às Raparigas

Estão à porte as férias, queridas reparidas : que elegria mágica tem em si esta pequena palarral Parece que en pronunciá-la sentimos a briza do mar... O períume dos campos... O praser imenso de não ter as obrigações do costume... Temos outras, porém i é preciso não o esquecer! E é deseas obrigações de féries que hoje vos venho falar.

Infelizmente, é durante o tempo delicioso que muites saparigas adquirem hábitos detestáveis: preguiça (confundindo o repouso diário com ela) ociosidade prolongada, faita absoluta de leituras úteis, vao (e abuso) de fatos da banho impró-

prios, etc., etc.

Queridas amiguinhas, escutai-me bam: lambrei-vos sempre, a todo o momento, que devels portar-vos de maneira a poder servir de exemplo! Para bom aproveitamento das vossas férias lembro--lhes quanto é interessante a aproximação das creanças pobres: procurar comunicar com elas, ensiná-les, contar-lhes histórias, incutir nelas quelquer coien de melhor do que squilo a que estão habituadas... e que é geralmente péssimo.

Não só ensiná-las a rezar: a limpeza do corpo, arranjo do fato, mesmo velho e ramendado, o alisar do cabelo, etc., etc. Que prazer major podereis ter se, so deixar a terra onde passastes as vosses alegres féries, vos disserem que as creanças mais selvagens de região nem já parecem as mes mas ?! Assim, a boa semente que a vossa actividade intelidente soube lançar naquelas alminhas rudes, fratificou lindamenta: e será, posso afirmar-vos, a maior alegria que trareis quando voltardas para casa.

Não quero massar-vos com um sermão! E acabo já esta carta amiga com muis estes conselhor: procedam sempre de modo a poderem ser citadas como exemplo ; nos actos, no vestir, nas palavras, no porte.

Lembrai-vos que sois: cristãs — portuguesas filiadas da M. P. F.



CONHEÇA A SUA TERRA

PRAIA DA ROCHA

Quem do norte ou do centro de Portugal desce até às paragens algervias não pode saguivar-se ao enfeitiçamento de luz e de côr dos seus cam-

e praise. À Prais de Rocha é, naturalmente, o maior atractivo que nos algarvies apresentamos à curio-

stdade de quem nos visita.

A Natureze, sempre prodige em admiráveis

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

conjuntos, oferece à contemplação extázica dos nossos olhos uma diversidade de païsagem qu

conjuntos, overce a contempiação extança dos nossos otdos uma diversidade de paisagem que muito se evidencia na Praia e seus arredores.

A pouca distincia, Sagres, onde o marulhar das ondes parece recordar as glórias antigas, êsse passado homérico de façanhas que desvendou ao mundo novos mundos. Caldas de Monchique, recento singelo e poético, oferece incontestavelmente um quadro de flagrante bucolismo. Para contemplar o encento, as emendosiras emprestem à Natureza seu cândido manto de noivado para tornar funda de la caracteria de la caracteria

templer o encento, as emendocires empresta à Natureza seu cândido mento de noivado para tornar meis lindo, ainde, o nosso lindo Portugel. Finalmente a Rocha...

Decerto que quem já contemplou o cenário maravilhoso da felésia ouro-rubre, em recortes caprichosos, os penedos, as grutas, os seix-s espalhados e hàbilmente dispostos (dir-se-ia com intenção de fezer arte) não pode deixar de reconhecer que esta Preia de arela finissima retina em si tudo quanto pode torná-la bela.

... Mal o Sol, preguiçosamente, sobe no horizonte, logo vem beijar a arriz com um desejo ardente da a terrare maja brilhante e mais linda l...

Tôde a Peste parece um montio de ciro puro, como se, em épocas ignoradas, um sultão zeluso dos seus testoiros ali os tivesse ocultado. E o mar, o grande mar, ora manso ora alteroso estende sobre esta paquenina parecia do nosso país seu mante dum azul pálido eravejado de dismentes. As ondes, desfarendo-se junto à Prais, adornam com sus rends brance de neve o manto doirado de arcie. Possue un céu azul inconfundivel que amorosemente se contempla nos dias de côr brilhante ou nas noites em que o luar se digna cobrir se terras com seu interminável mante de prata

Todavia o clima doce que a caracteriza seria suficiente para a tornar atraente e querido de todos os que e proceram para extesiar a vista, recrear o espirito ou retemperar o organismo. Por tôda o parte a luz e a geoça!... A Natureza apresenta-se com tôda a sua pujança desenvôlta e gigantreta,

dominadora e fecunda.

Como eu gosmva que todos os postugueses viessem admiter e viver estas maravilhas que os meus cihos contemplem l... Vinde, vinde ver a beleza de nossa Prain!... E' a maior maravilha de côr que pode imuginar-se, é o meis belo poema de azul que a fantasta pode criar e transmitir às almas que admiram a obra de Deus no seu asplendor. E o poeta que assim o sente diz inspirado:

«Por alta nolte se escutam Gargelhadas de cristal. Dizem ser risos de Fadas Que brincam pelo area! Da nossa Praia, a mais bala. *Das costas de Portugal!...

"Aldil" - Fillada n.9 17 002

A Moura

Terra de amor e beleza Dos lindos contos de fadas. Es terra bem portuguesa E de Mouras encantadas.

E foi um acto tão belo, Que Salàquia praticou, Que p'ra salvar o Castelo A vida sacrificou!

A linda e nobre princesa, Que por Moura deu a vida, Pensava, ja, com certeza Que havia de ser vencida.

E tu. oh Moura encantada Na tua vida real, Mereces ser adorada Dos filhos de Portugal!



E os filhos teus, com certeza E' bem natural que os ames, Pois és cristà, Portuguesa Embora Moura te chames!

Lidia Costa Nevos Valters - Filiada Ala s.º 6 - Baixo Alestojo

Padrões de Portugal

Velhas tõrres medievais que s'erguem na nossa Terra I E' a alma da nossa Història que os nossos muros encerra

Muralhas désses castelos que evocam feitos de glória são padrões de Portugal são padrões de nossa História

Oh, pedras negras, vėlkinhas que ainda se erguem no ar... a quem vos saiba entender muito tendes p'ra contari...

Contam feitos nunca vistos contam feitos sem igual não há história mais heróica que a do nosso Portugal.

Alfubarrota, Valverde Montes Claros, S. Mamede... E' um hino de heroismos que no passado se perde

Lindos castelos roqueiros nascidos nas penedias as vozes dos teus herdis chegam inda aos nossos dias

D'altos castelos roqueiros tão belos, não hà memoria ensinando ao mundo inteiro o seu passado de glòria!

LIZARDA